

Oficinas tipográficas na metade do Século XIX : Um instantâneo da Typographia Santos & Santos no Pará

Typographic workshops in the middle of the 19th century: A snapshot of Santos & Santos Typography in Pará

Fernanda de O. Martins, Edna Cunha Lima

Tipografia, Oficina tipográfica, metodologia, Pará

Este artigo procura compreender o funcionamento de uma oficina tipográfica atuante no século XIX através da análise de informações levantadas sobre a tipografia de Honório José Santos e comparadas a outras tipografias do mesmo período. Além de informações obtidas através de metodologias habituais, como revisão bibliográfica e pesquisa documental em arquivos, contou com um inestimável recurso, o inventário de Honório José dos Santos. A partir das informações do inventário e comparadas a informações fornecidas por tipógrafos da época, foi possível reconstruir a dinâmica de operação de uma oficina em 1857, algumas relações de trabalho e equipamentos. Com estas reflexões espera-se colaborar para o melhor entendimento do funcionamento das oficinas tipográficas que operaram na metade do século dezenove no Brasil.

Typography, Typographic workshop, methodology, Pará

This article aims to understand the operation of a typographic workshop active in the 19th century through the analysis of Honório José Santos' typography compared to other printshops active in the same period of time. In addition to information obtained through usual methodologies, such as bibliographic review and documentary research in archives, it had an invaluable resource, the inventory of Honório José Santos. From the inventory information and compared to information provided by other printers, it was possible to reconstruct the operation of the workshop, work relationships and equipment. With these reflections, we hope to collaborate for better understanding of the operation of typographic workshops that operated in the middle of the nineteenth century in Brazil.

1 Introdução

O objetivo deste estudo foi compreender o funcionamento de uma oficina tipográfica operando na Província do Grão-Pará na metade do século XIX, entendendo que pode colaborar para o entendimento do funcionamento das oficinas tipográficas que operaram no período do Império no Brasil. Foi realizado a partir da análise das informações levantadas sobre a tipografia de Honório José Santos e seus filhos, que operou na cidade Belém do Grão-Pará entre 1834 e 1878. Para realizar tal tarefa além de pesquisa bibliográfica contou-se com um inestimável recurso, o inventário de Honório Santos, depositado no Centro de Memória da Universidade Federal do Pará – UFPA.

Este artigo se insere no âmbito da pesquisa de doutorado “Impressos no Pará – a memória gráfica e o espírito de época” realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ que trata do início e desenvolvimento da impressão tipográfica e análise dos impressos circulantes nesta Província entre 1820 e 1910. Neste estudo, para o melhor entendimento das oficinas tipográficas, foram definidas três fases: a pioneira, – a partir do início da tipografia do Pará, da década de 1820 até o final da Cabanagem, uma fase intermediária, denominada “de consolidação”, que ocorre entre as décadas de 1840 e de 1870, momento em que as tipografias se tornam empresas comerciais de fato; e, por fim, a terceira fase, a da expansão, relacionada aos efeitos do comércio da borracha entre as décadas de 1870 e 1910.

No contexto da impressão tipográfica, o século XIX foi o século das grandes transformações tecnológicas, de processos cada vez mais rápidos, de máquinas mais eficientes, papéis e tintas de melhor qualidade e, sobretudo, do surgimento de uma profusão de estilos de fontes tipográficas para atender a rápida evolução. As mudanças na indústria e no comércio imporiam novas demandas ao universo da imprensa: aumentavam consideravelmente as tiragens de impressos, as fontes tipográficas atingem um novo patamar de evolução.

Entretanto este cenário não pode ser aplicado integralmente ao Brasil Colônia, onde a primeira oficina tipográfica autorizada foi instalada em 1808 com a vinda da família real portuguesa ao Brasil. É somente a partir deste momento que se torna possível a existência de oficinas nas províncias e, no caso do Grão-Pará, pode-se afirmar que a primeira oficina foi instalada em Belém em 1820 (Martins, 2017).

2 Metodologia

Para entender a dinâmica da instalação das oficinas tipográficas na Província do Grão-Pará, iniciamos com levantamento bibliográfico em livros de cronistas da época, alguns ainda em tempo de ser testemunhas oculares dos fatos, na bibliografia existente sobre a história da imprensa, assim como realizamos pesquisa documental em arquivos no Rio de Janeiro e Pará, e acervos de colecionadores. Na tese “*Impressos no Pará*” (2017), foram buscados métodos e ferramentas gráficas que contribuíssem para a análise como a construção de mapas para a localização das oficinas, linhas do tempo que facilitam avaliar de forma sincrônica e diacrônica a evolução da tecnologia assim como fichas de análise dos produtos gráficos.

No caso deste artigo, que pretende compreender o funcionamento de uma oficina em meados do século dezanove, a ferramenta principal utilizada foi o inventário de Honório José dos Santos, encontrado no Centro de Memória da Universidade Federal do Pará – UFPA. É a partir das descrições incluídas no inventário que podemos inferir relações trabalhistas, conhecer como estava equipada uma oficina e quais trabalhos eram realizados. Também, por serem do mesmo período, foi possível comparar as informações do inventário com o depoimento de J.C. Frias, em seu livro *Memórias da Tipografia Maranhense*, sendo possível desta forma obter um retrato da operação de uma oficina no século XIX.

3 O contexto em Belém do Pará entre 1820 e 1850

A política do Marquês de Pombal para a Amazônia na segunda metade do século XVIII iniciou o que se pode chamar de primeiro estabelecimento de uma economia na região. A cidade de Belém, torna-se então o centro de poder e porta de saída de mercadorias para Portugal, onde estabelece-se uma importante classe agrária e comercial de brasileiros.

Segundo Adélia Ingrácia de Oliveira (1983) forma-se na Amazônia uma classe agrária, com forte sentido nacionalista. A região, desde a época da Colônia e por mais de dois séculos e meio, sempre esteve ligada diretamente a Portugal sofrendo um certo distanciamento da Corte no Rio de Janeiro. Depois da proclamação da independência, em setembro de 1822, os portugueses tentaram manter o Estado do Grão-Pará e Rio Negro sob o seu domínio, o que foi em parte facilitado pelo fato dessa região constituir um forte reduto lusitano. Assim as autoridades aqui sediadas continuaram a prestar fidelidade a coroa portuguesa e essa área era a única do Brasil que se mantinha politicamente ligada à metrópole. (Oliveira, 1983, p. 215-216).

Os conflitos no Pará acontecem em razão da fidelidade dos governantes ligados aos portugueses em contraposição aos interesses de uma classe dominante de brasileiros, com aspirações liberais, favoráveis à independência. Os ânimos se aquecem já na ocasião da Revolução Liberal do Porto em 1820. A Revolução do Porto parecia significar o triunfo da ideologia liberal e a modernização do cenário político lusitano. Contudo, estes mesmos liberais possuíam uma política econômica extremamente conservadora, desejavam que o Brasil retornasse à condição de colônia.

O Pará foi o último estado brasileiro a aderir à Independência, e o fez à força, em 16 de agosto de 1823. A luta pelos interesses econômicos e políticos das duas forças político-econômicas perdurará até 1840, momento do que talvez tenha sido o conflito nativista mais longo e mais sangrento, a Cabanagem, iniciada em 1835.

Os que pensam ter sido pacífico, fácil e manso o processo da Independência pode verificar, por casos como o do Pará, quais as suas verdadeiras dimensões. Na província realmente, os dois problemas, o da liberdade e o da independência fundiram-se, não foi possível separá-los: daí a Cabanagem. (Sodré, 1893, p.66)

Somente depois de mais de uma década do fim da Cabanagem que uma nova decisão, agora do Império Brasileiro, resultaria no fortalecimento econômico da região – a abertura dos Portos da Amazônia, a partir de 1850. O naturalista inglês Henry Bates, que retornaria a Belém em 1859, onze anos depois de sua primeira visita, descreve:

I found Para greatly changed and improved. It was no longer the weedy, ruinous, village-looking place that it appeared when I first knew it in 1848. (Bates, [1863]1910, p. 403).

O viajante encontrou uma cidade reorganizada e mais populosa, ruas foram pavimentadas e casas reformadas. Sessenta veículos faziam o transporte público, ampliando a animação das praças e avenidas. Bates também relata as mudanças em relação à religião, aos novos hábitos importados de Europa, citando, explicitamente, os jornais, bibliotecas e as tipografias:

There was quite as much pleasure seeking as formerly, but it was turned in a more rational direction, and the Paraenses seemed now to copy rather the customs of the northern nations of Europe than those of the mother country, Portugal. I was glad to see several new booksellers' shops, and also a fine edifice devoted to a reading-room supplied with periodicals, globes, and maps, and a circulating library. There were now many printing-offices, and four daily newspapers. (Bates, [1863]1910, p. 405).

Neste contexto, com o final do período turbulento e o desenvolvimento do comércio da borracha, vão ocorrer transformações importantes. Belém, cidade periférica no capitalismo mundial, se vincula a ele de forma estrutural em razão da função econômica, como o principal centro de produção e comércio da borracha, fundamental para a produção industrial da época.

4 **Typographia Santos & Santos de Honório Santos**

A empresa de Honório Santos marca a transição entre a primeira fase da tipografia paraense e a segunda fase, a fase da expansão. A segunda fase ocorre em período de estabilização econômica é caracterizada pela consolidação da atuação comercial e pela profissionalização das empresas.

A Typographia Restaurada, fundada em 1837 por Honório José dos Santos a partir da aquisição da Typografia do Correio do Amazonas, pode ser considerada a mais significativa desta fase. Foi a primeira oficina tipográfica a operar comercialmente, beneficiando-se tanto dos contratos para expedientes do governo quanto da execução de impressos para outros clientes. A família de Honório José dos Santos imprimiu três jornais relevantes sucessivamente, a *Folha Commercial do Pará*, entre 1837 e 1840, que seria substituída pelo jornal semanal *Treze de Maio*, publicado entre 1840 a 1862, cujo nome rendia homenagem ao fim do movimento da Cabanagem em Belém. O *Treze de Maio* seria, por sua vez, substituído pelo *Jornal do Pará*, que circulou entre 1862 e 1878, cujo diretor era Cipriano José dos Santos.

O *Treze de Maio* foi o primeiro veículo de longa duração a publicar os expedientes do governo, discursos, legislação, decretos, Alfândega e movimento dos portos (entrada e saída de embarcações). Sua opção por se distanciar da política e se tornar um periódico noticioso, trazendo notícias vindas do Rio de Janeiro e exterior, estimularia seu crescimento e o aparecimento sistemático de anúncios. Tomou a iniciativa de editar livros, em 1838 imprimiu o *Compendio das Eras da Província do Pará*, de Antonio Baena, o primeiro no Pará. Estava instalada na Rua da Alfama 15 e, depois, na Rua São João, esquina da Estrada de São José (atual 16 de novembro).

Honório faleceu em Belém em 23 de janeiro de 1857. Segundo seu inventário, depositado no Centro de Memória da UFPA, Honório José dos Santos era natural da cidade e Corte do Rio de Janeiro. Filho legítimo de Cipriano José dos Santos, e de sua mulher Dona Maria Rosa dos Prazeres. Manuel Barata, nos *Annaes da imprensa periodica brasileira* da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 1908, informa que Honório chegou à Província do Pará em 1819, falecendo em Belém aos 56 anos. Casou-se novamente e teve cinco filhos naturais: Honório José dos Santos Junior, Cipriano José dos Santos, José Antônio dos Santos, Maximiano José dos Santos e Julianna Honória José dos Santos. Curiosamente incluiu em seu testamento os filhos de Anna Carlota Xavier Palmeira, todos menores, Lucio José dos Santos,

Maria das Dores Vilarinho dos Santos, Joaquim Pedro dos Santos, Francisco Emigdio dos Santos” (Inventário de HJS, 1857). Chegando a Belém em 1819, Honório se incorporou ao Primeiro Regimento de Milícias da Província do Grão-Pará (Rocque, 1968). Ligado à Maçonaria (Rayol, 1865) participaria das atividades políticas que movimentaram a Província a partir de 1820. Por essas atividades foi preso em 1823 e levado a Lisboa. Diz Manuel Barata:

Em 1819 veio para o Pará e aqui exerceu a profissão de typographo. Implicado na mallograda conspiração de 14 de abril de 1823, a favor da adesão da provincia a independencia do Brazil, foi, com outros conspiradores, mandado preso para Lisboa a 14 de julho, na galera *Andorinha do Tejo*. Dalli voltou em 21 de outubro daquelle mesmo anno. Nomeado mais tarde (1831) escriptuario da mesa de arrecadação das rendas nacionaes, então creada, não abandonou comtudo a arte typographica, a que era amorosamente dedicado. Em 1837 fundou a pequenina *Folha Comercial do Pará* que foi substituida pelo *Treze de Maio*. (Barata, 1908, p.104)

Ao decidir ofertar um jornal informativo, distante das disputas políticas que ainda aconteciam de forma intensa na Província do Pará, Honório inaugura uma nova fase da tipografia paraense, a fase da consolidação, da instituição de empresas tipográficas *per se*, preocupadas em estar equipadas e produzir impressos com objetivos comerciais.

Chama a atenção o fato de terem sido encontradas diferentes denominações para a sua tipografia: *Typ. de Santos e Menor*, e *Typ. de Santos e Menores*; *Typ. de Santos e Filhos*; e *Typ. de Santos e Irmãos*. As primeiras edições do jornal *Treze de Maio*, de 1840, são publicadas pela empresa *Typ. de Santos e Menores*. Já a edição de 1845 traz novo “projeto gráfico” e, em 1846, o nome da empresa muda para *Santos e Filhos*, assim como o endereço passa a ser Rua de S. João, canto da Estrada de S. José. A empresa imprimiu também, a partir de 1848, o periódico religioso *Synopsis Ecclesiastica*.

Os seus primeiros typographos auxiliares eram tres pretos, escravos seus (Joaquim, Camillo e Cyrillo), por elle mesmo ensinados para o mister. Depois, quando lhe iam nascendo e crescendo os filhos, ia-os associando na propriedade da Typographia e no manejo do componidor. (Barata, 1908, p.104)

N.º 493

2 DE JANUARO

DE 1902

QUARTA-FEIRA

39.º TRIMESTRE.

PARA' NA TYPOGRAPHIA DE SANTOS A MESSEIROS, RUA DALPAMA N.º 149.

Exposição do estado da Província das Alagoas apresentada pelo Ex.º Sr. Honrado Sr. Manoel da Silva em Ex.º Sr. Conselheiro de Estado Cautano Maria Lopes Gama no acto de tirar a lista-possa da Presidência da Província.

Alto. — O Ex.º Sr. — *Entregrando a V. Ex.ª a administração da Província sempre-me em razão das contenciosas desordens por lá passando, expor a V. Ex.ª em resumo a origem e progressos desses vícios, o estado actual da Província.*

São Francisco fez assentado a Capital por forças seccionarias. Em uma das terras sobre ella um exército de barbaros, e comu immunda fôzão á sua frente o vilandor das matas V. Costa Pereira de Paula, o malvado, que tantas extorsões causava a esta Província, e á das Terras vizinhas. O seccionismo, que 10 annos rios nella retrocedo e independentemente em as matas, que limitão as das Terras vizinhas, chamma, recorre, e hostiliza as crividades, desordens, e escaras fôzões d'elles. Exceito fugitivo foi chamado por insinuação d'um partido, que se diz orador, e mostrou acesos porquy expetite de garantias, e direitos progressivos, e porquy.

Causo facto historico a seção actual me a represento dos distritos de 1844 e 1845 annos moderados, e moderados — da sessão de 1854 annos moderados, e moderados em Conselho, e Assembleia Provincial eleito, que por sua movimento popular foi annullado, e do seccion de 1850 contra a provincia de Rio de Neves, de cuja pessoa se apoderou as seccionias.

A impudencia destes actos em são feito porquy seccionismo, e sempre dirigitos, em indultos pelos necessarios insinuações, que aggravação ainda hoje a tasta das forças seccionias, tem sido feito perder a vista de uma pessoa de seccionismo o sangue a um numero muito necessario.

Causo facto politico, ha a consequencia necessa-

ria da politica, que tomou um partido, o qual protello por administracões anteriores, chamando a si, e supgrando a maioria dos honrosos senhores da Província — elozos da ordem de desmorar a população para tirar as armadas de seus adversarios em desfeitos, e a entregar aos seccoes, e com o meio dos processos immundos, em mandatos todos applicados, que fôz polido oppor obstaros aos projectos ambiciosos.

Effundido casso talcom o partido, era transalido insurrecto, que elle licença protellou da seccion e os seccoes a Província consensuando molares uma consule superior a Lã, superior a administração de Presidência.

Esgruppados na Policia, e Guarda Nacional em Moudanos, os Joia's Thomaz, os Domercos, os Pitangos, os Vieira's, os Joia's Thomaz, os Joia's Thomaz, e Joia's de Joia's, Thomaz era expor delles o procedimento indolente do del proce; e as mudancas de que fazera quozão souz calta um pretexto, e occaziao para pazerem em arrem, do motivo justifico para decider emtellos desde muito dispostos para esta occaziao, e já por vezes manifestados em discursos, e liguens illudidas.

Se expor fôzome casso da administração da Província vito her seperantes todos os archivos em tir e em senca elozos mais de mudo de inferno, e mudo no pretexto, e consensuando de que all fôz de Setembro, em que se desmoroou mais a seccion, se souz fôzome expellido vicio para superior algum — não se fôzome molares vrendo pessa alguma — e se heria fôzome o recrudescimento a pzoquisição indolente, e todos estes no caso de extorrem pzoquis.

Souz seccoes em molares, que del as seccionias de hueras pegado em arrem, e não se huerano em fôzome que tem em vistas o Governo Republicano

[illegible]

ANNO XVII

SABADO 2 DE FEVEREIRO DE 1901.

N. 2.

CAPITAL.

PREÇO DAS ANSIRACUTAS.


| | |
|-----------------|--------|
| Por um anno. | 180000 |
| Por seis meses. | 90000 |
| Por tres meses. | 45000 |

INTERIOR E EXTERIOR.

PREÇO DAS ANSIRACUTAS.

| | |
|-----------------|--------|
| Por um anno. | 180000 |
| Por seis meses. | 90000 |
| Por tres meses. | 45000 |

THE



FREE

OFFICE OF THE PRESS, AT THE TROVADORAS DE SANTO A. BARRAS, RUA DE S. JOÃO, CONTRA A RUA DE S. JUDITH.

PRINTED BY THE PRESS, AT THE TROVADORAS DE SANTO A. BARRAS, RUA DE S. JOÃO, CONTRA A RUA DE S. JUDITH.

Ministerio da Justiça.

2.ª Secção.—Circular do Ministério dos Negocios da Justiça, Rio de Janeiro em 29 de Setembro de 1900.—1.º e 2.º e 3.º e 4.º e 5.º e 6.º e 7.º e 8.º e 9.º e 10.º e 11.º e 12.º e 13.º e 14.º e 15.º e 16.º e 17.º e 18.º e 19.º e 20.º e 21.º e 22.º e 23.º e 24.º e 25.º e 26.º e 27.º e 28.º e 29.º e 30.º e 31.º e 32.º e 33.º e 34.º e 35.º e 36.º e 37.º e 38.º e 39.º e 40.º e 41.º e 42.º e 43.º e 44.º e 45.º e 46.º e 47.º e 48.º e 49.º e 50.º e 51.º e 52.º e 53.º e 54.º e 55.º e 56.º e 57.º e 58.º e 59.º e 60.º e 61.º e 62.º e 63.º e 64.º e 65.º e 66.º e 67.º e 68.º e 69.º e 70.º e 71.º e 72.º e 73.º e 74.º e 75.º e 76.º e 77.º e 78.º e 79.º e 80.º e 81.º e 82.º e 83.º e 84.º e 85.º e 86.º e 87.º e 88.º e 89.º e 90.º e 91.º e 92.º e 93.º e 94.º e 95.º e 96.º e 97.º e 98.º e 99.º e 100.º e 101.º e 102.º e 103.º e 104.º e 105.º e 106.º e 107.º e 108.º e 109.º e 110.º e 111.º e 112.º e 113.º e 114.º e 115.º e 116.º e 117.º e 118.º e 119.º e 120.º e 121.º e 122.º e 123.º e 124.º e 125.º e 126.º e 127.º e 128.º e 129.º e 130.º e 131.º e 132.º e 133.º e 134.º e 135.º e 136.º e 137.º e 138.º e 139.º e 140.º e 141.º e 142.º e 143.º e 144.º e 145.º e 146.º e 147.º e 148.º e 149.º e 150.º e 151.º e 152.º e 153.º e 154.º e 155.º e 156.º e 157.º e 158.º e 159.º e 160.º e 161.º e 162.º e 163.º e 164.º e 165.º e 166.º e 167.º e 168.º e 169.º e 170.º e 171.º e 172.º e 173.º e 174.º e 175.º e 176.º e 177.º e 178.º e 179.º e 180.º e 181.º e 182.º e 183.º e 184.º e 185.º e 186.º e 187.º e 188.º e 189.º e 190.º e 191.º e 192.º e 193.º e 194.º e 195.º e 196.º e 197.º e 198.º e 199.º e 200.º e 201.º e 202.º e 203.º e 204.º e 205.º e 206.º e 207.º e 208.º e 209.º e 210.º e 211.º e 212.º e 213.º e 214.º e 215.º e 216.º e 217.º e 218.º e 219.º e 220.º e 221.º e 222.º e 223.º e 224.º e 225.º e 226.º e 227.º e 228.º e 229.º e 230.º e 231.º e 232.º e 233.º e 234.º e 235.º e 236.º e 237.º e 238.º e 239.º e 240.º e 241.º e 242.º e 243.º e 244.º e 245.º e 246.º e 247.º e 248.º e 249.º e 250.º e 251.º e 252.º e 253.º e 254.º e 255.º e 256.º e 257.º e 258.º e 259.º e 260.º e 261.º e 262.º e 263.º e 264.º e 265.º e 266.º e 267.º e 268.º e 269.º e 270.º e 271.º e 272.º e 273.º e 274.º e 275.º e 276.º e 277.º e 278.º e 279.º e 280.º e 281.º e 282.º e 283.º e 284.º e 285.º e 286.º e 287.º e 288.º e 289.º e 290.º e 291.º e 292.º e 293.º e 294.º e 295.º e 296.º e 297.º e 298.º e 299.º e 300.º e 301.º e 302.º e 303.º e 304.º e 305.º e 306.º e 307.º e 308.º e 309.º e 310.º e 311.º e 312.º e 313.º e 314.º e 315.º e 316.º e 317.º e 318.º e 319.º e 320.º e 321.º e 322.º e 323.º e 324.º e 325.º e 326.º e 327.º e 328.º e 329.º e 330.º e 331.º e 332.º e 333.º e 334.º e 335.º e 336.º e 337.º e 338.º e 339.º e 340.º e 341.º e 342.º e 343.º e 344.º e 345.º e 346.º e 347.º e 348.º e 349.º e 350.º e 351.º e 352.º e 353.º e 354.º e 355.º e 356.º e 357.º e 358.º e 359.º e 360.º e 361.º e 362.º e 363.º e 364.º e 365.º e 366.º e 367.º e 368.º e 369.º e 370.º e 371.º e 372.º e 373.º e 374.º e 375.º e 376.º e 377.º e 378.º e 379.º e 380.º e 381.º e 382.º e 383.º e 384.º e 385.º e 386.º e 387.º e 388.º e 389.º e 390.º e 391.º e 392.º e 393.º e 394.º e 395.º e 396.º e 397.º e 398.º e 399.º e 400.º e 401.º e 402.º e 403.º e 404.º e 405.º e 406.º e 407.º e 408.º e 409.º e 410.º e 411.º e 412.º e 413.º e 414.º e 415.º e 416.º e 417.º e 418.º e 419.º e 420.º e 421.º e 422.º e 423.º e 424.º e 425.º e 426.º e 427.º e 428.º e 429.º e 430.º e 431.º e 432.º e 433.º e 434.º e 435.º e 436.º e 437.º e 438.º e 439.º e 440.º e 441.º e 442.º e 443.º e 444.º e 445.º e 446.º e 447.º e 448.º e 449.º e 450.º e 451.º e 452.º e 453.º e 454.º e 455.º e 456.º e 457.º e 458.º e 459.º e 460.º e 461.º e 462.º e 463.º e 464.º e 465.º e 466.º e 467.º e 468.º e 469.º e 470.º e 471.º e 472.º e 473.º e 474.º e 475.º e 476

Curiosamente, nas edições do *Treze de Maio* de 1856 é possível encontrar menções a uma outra empresa com nome semelhante, a *Livraria Santos e Irmãos*. Esta é uma forte indicação sobre a forma que a família operava e como esta ampliou sua atuação na área.

Honório José dos Santos faleceu em 1857 deixando nove filhos, seis adultos e três menores. A partilha foi realizada de forma que cada herdeiro receberia uma cota, cujo conteúdo permitiria o funcionamento de uma pequena tipografia e a *Typografia Santos e Filhos* cessou de existir. A partir de 1858, a *Typographia Santos e Irmãos* passaria a imprimir o jornal *Treze de Maio*, tendo a sua frente Cypriano José dos Santos e, provavelmente, Honório Filho e Lucio José dos Santos.

O Inventário de Honório José dos Santos

O Inventário de Honório José dos Santos é um documento importante pois permite-nos obter informações sobre como operavam as oficinas do século XIX, informações em geral difíceis de obter, como a quantidade de equipamentos gráficos, a divisão do trabalho, o conjunto de tipos de impressão, as relações de trabalho, o tipo de serviço realizado e o nome dos funcionários.

Constam também recibos de pagamentos de aluguel, pagamentos a terceiros e relatórios de pagamentos aos funcionários da tipografia, que compreendem o período entre 17 de janeiro de 1857 a 23 de outubro de 1858. A família morava no imóvel da tipografia e existia forte sinergia financeira entre as atividades profissionais e pessoais. Todos os filhos homens trabalhavam na tipografia e, a empresa custeava objetos de uso pessoal de toda a família.

A tipografia *Santos e Filhos* (do pai) comprava de *Santos e Irmãos* (dos filhos mais velhos) papéis de variadas qualidades e também contratava encadernações. No inventário encontram-se recibos de venda e de prestação de serviço, mostrando a abrangência da atuação da família na área: compra e venda de papel, impressão, encadernação, livraria.

O regime de trabalho

Em relação ao regime de trabalho, encontra-se em diversos periódicos a informação de que o horário se estendia até as vinte e uma horas, o que pode ser confirmado através das inúmeras compras de velas, necessárias quando ainda não existia luz elétrica. A frequência de compra de barbante – utilizado para amarrar as ramas – é notável.

Importante destacar a participação dos filhos, inclusive os menores de idade Joaquim Pedro e Francisco. Lúcio, que é mais velho, além de diárias também recebe por colunas; trata-se de outra natureza de serviço, provavelmente pela composição ou revisão. O trabalho infantil era natural naquela época, assim como o aprendizado dos filhos desde muito jovens, o que pode ser conferido a partir das informações encontradas nas, *Memória sobre a tipografia maranhense* de J.C Frias:

O aprendiz de tipografia é um indivíduo quase sempre de menor idade, mas que se governa a si mesmo. É ele quem se apresenta e se contrata, é ele quem se despede ou sai sem se despedir no dia em que o repreendem, que o contrariam, que se aborrece, ou que em outra parte lhe oferecem algum lucro. (Frias, [1866], 2001, p.51)

Os funcionários da tipografia

Os recibos constantes no inventário referem-se à prestação de contas das atividades da tipografia compreendendo o período entre 17 de janeiro de 1857 a 23 de outubro de 1858.

Durante este intervalo, os pagamentos aos funcionários foram semanais, abrangendo os serviços realizados na semana anterior. Um exemplo de folha de pagamento:

Tabela 1 – Exemplo de comprovante de folha de pagamento do inventário de HJS

| Descrição | valor |
|---|---------|
| Bayma na Folha Oficial desde 13 á 19 tem 9 col e ½pg | 11\$700 |
| Marianno 8 col.....pg | 9\$600 |
| Acurcio 6 col ½.....pg | 7\$500 |
| Jozé 1 col.....pg | 1\$200 |
| Julio 1 e ½ col, 2 folhas do Leofr, 2 da folha, 1 obra.....pg | 10\$000 |
| Honorio 3 col.....pg | 3\$600 |
| Lucio B.es do Bispo e Registros.....pg | 3\$000 |
| Manoel Caetano 17 col e ½.....pg | 20\$000 |
| Cypriano 5 folhas do expediente no engenho.....pg | 10\$000 |

Fonte: Inventário Honório José dos Santos

Os serviços são descritos por colunas, por folha, por dia, ou nome do produto: mapas, boletim ou talão. Cipriano, Bayma e Honório recebem um valor maior – Cipriano é citado especificamente “no engenho”, forma com que se costumava referir à prensa de impressão. Também são citados pagamentos a lavadeira e cozinheira, o que reforça, mais uma vez, o fato de que o cotidiano da moradia e da oficina se misturavam. Pela análise dos pagamentos pode-se concluir que, em 1857, os valores unitários por tipo de serviço pagos aos profissionais por tipo de serviço eram:

Tabela 2 – Tipos de serviços executados na tipografia Santos e Filhos.

| Descrição | Valor |
|---------------------------|--------|
| Coluna | 1\$200 |
| Mappa | 4\$000 |
| Diária A - filhos menores | 1\$000 |
| Diária B | 1\$600 |
| Diária C | 2\$000 |
| Engenho (por folha) | 2\$000 |

Fonte: Inventário Honório José dos Santos

J.C. Frias, em 1866, descreve as condições de funcionamento de sua oficina: habitação do proprietário e seus aprendizes no próprio edifício em que está a tipografia; regularidade e permanência no trabalho, por essa mesma causa; ser o proprietário o primeiro oficial de seu estabelecimento, não se preparando nele trabalho algum que não lhe passe pelas mãos; métodos adotados que facilitam o trabalho, e aprendizes por contrato e relaciona os

profissionais necessários para o bom funcionamento (Frias, 1866). Este depoimento permite que seja realizada uma comparação entre as tipografias. Trabalhavam na empresa de Honório, entre 1857 e 1858, seis filhos e vinte e um funcionários, o que demonstra o porte da empresa se comparado à de Frias, que possuía oito funcionários.

(...) Desde fevereiro de 1865 até maio desse ano, tem o seu pessoal composto de um paginador, que também faz quase todas as obras avulsas (remendos), impressor, maquinista, administrador etc. etc., lugares por mim ocupados; dois compositores levantadores de letras e aprendizes, termo médio três e meio; um tangedor de roda e servente da oficina, e um moleque de seis anos, que arruma os impressos da máquina e dá sinal quando descobre algum desarranjo nos fios condutores. (...) Desses oito empregados, um trabalha oito horas; dois, dez horas, e cinco, 12 horas por dia útil, salvo eventualidades: seis têm sempre trabalho e dois poucos são os dias em que empregam todas as horas em serviços da oficina, e são o tangedor e o moleque. O trabalho nas demais tipografias começa às oito horas e termina às quatro da tarde. Na minha oficina segue-se a mesma regra para os operários externos, porém para os internos é de sol a sol. (Frias, [1866] 2001, p. 53-55)

O Inventário não permite identificar com exatidão as funções de cada profissional; mesmo assim, o número é expressivo. Dez funcionários recebem por diária, aí incluídos os escravos (“pretos”) e os filhos menores de Honório, provavelmente na função de aprendizes, além de ajudantes de composição e impressão.

Tabela 3 – Lista dos funcionários da tipografia Santos e Filhos citados no inventário de 1857

| | Nome | Diária | Coluna | Engenho | Gratificação | Mapa |
|---------------------|-------------------|--------|--------|---------|--------------|------|
| Filhos | | | | | | |
| 1 | Honório | | X | X | | |
| 2 | Cypriano | | X | X | | |
| 3 | Lucio | X | X | | | |
| 4 | José | | X | | | |
| 5 | Joaquim Pedro | X | | | | |
| 6 | Francisco | X | | | | |
| Funcionários | | | | | | |
| 1 | Bayma | | X | | | |
| 2 | Marianno | | X | | | |
| 3 | Julio | | X | X | | X |
| 4 | Acurcio | | X | X | | |
| 5 | Julio | | X | | | |
| 6 | Manoel Caetano | | X | | | |
| 7 | Castro | | X | | | X |
| 8 | Gomes | | X | X | | X |
| 9 | João de Deos | | X | X | | |
| 10 | Archydamos | | X | | | |
| 11 | Ladislao | | X | | X | X |
| 12 | Ranier | X | | | | |
| 13 | Vitorio | X | | | | |
| 14 | João Baptista | X | | | | |

| | | | | | | |
|--------------|----------------------------|-----------|-----------|----------|----------|----------|
| 15 | João Guebrao | X | | | | |
| 16 | Joaquim | X | | | | |
| 17 | Pedro Reino | X | | | | |
| 18 | Herculano | | | | X | |
| 19 | Antonio | | | | X | X |
| 20 | Pretos | | | | X | |
| 21 | Joaquim Preto (escravo) | X | | | | |
| TOTAL | | 10 | 15 | 6 | 4 | 5 |

Fonte: Inventário Honório José dos Santos

Nesse grupo devem ser ainda incluídos aqueles que faziam os serviços gerais, como a limpeza. Quinze funcionários recebem por coluna, claramente os compositores. Quanto aos seis impressores, dois são os filhos Honório e Cypriano, que já eram proprietários de outra empresa, Santos e Irmãos. De acordo com Barata, Honório começou sua tipografia com três escravos e treinou seus filhos na profissão: “Os seus primeiros typographos auxiliares eram tres pretos, escravos seus (Joaquim, Camillo e Cyrillo), por elle mesmo ensinados para o mister.” (Barata, 1908, p.105).

Máquinas e equipamentos

Encontra-se uma descrição dos equipamentos para efeito de avaliação dos bens. Não é, no entanto, uma descrição detalhada. A relação de objetos descritos na tabela 4, indica que, em 1858, a tipografia trabalhava com sete prelos, cinco deles “com machina”, isto é, mecânicos. A título de comparação, uma oficina de grande porte como a oficina de Frias trabalhava em 1866, oito anos depois, portanto, com um prelo mecânico e três a braço:

Esse estabelecimento, em grande escala em relação ao comum dos da Província, compõe-se de um material abundante e escolhido em tipos; três prelos a braço, sendo dois de ferro e um de madeira; um prelo mecânico movido por um homem; canteador; corta-linhas; uma máquina toda de ferro de cortar papel pelo sistema guilhotina (única na Província); uma prensa de acetinar impressos e todos os acessórios necessários ao serviço de um estabelecimento dessa ordem. Tem mais como adicional uma oficina de encadernação em que se fazem as brochuras e cartonagens das obras impressas na casa. (Frias, [1866] 2001, p.53)

Comparando a descrição de Frias com o inventário nota-se que não há referência à guilhotina, peça fundamental para o acabamento dos impressos. Frias cita, também, uma prensa para acetinar papéis. Estas podem estar entre as sete prensas descritas, uma vez que não há discriminação completa no inventário. Em diversas partes não se consegue ler o conteúdo face a seu avançado estado de deterioração.

Tabela 4 – Lista dos objetos da tipografia constantes no inventário de Honório José dos Santos

| Tipos de metal | Valor unitário | Quant. | Valor total |
|---|-----------------------|---------------|--------------------|
| <i>Typos de folhetim de tres riscos</i> | \$680 | 2.060 £ | 1:400\$800 |
| <i>Typos de leituras</i> | \$680 | 1.457£ | 990\$760 |
| <i>Typos de folinha Ecclesiastica</i> | \$670 | 447£ | 303\$960 |
| <i>Typos para folinhas de porta</i> | \$670 | 56£ | 38\$080 |
| <i>Typos de folhetim de dois riscos</i> | \$680 | 340£ | 231\$200 |
| <i>Typos para escriptura</i> | \$680 | 64£ | 43\$520 |
| <i>Typos de secretaria</i> | \$680 | 96£ | 65\$280 |
| <i>Typos ingleses</i> | \$670 | 148£ | 100\$640 |
| <i>Typos parangona</i> | \$680 | 91£ | 61\$880 |
| <i>Typos miudinho</i> | \$680 | 154£ | 104\$720 |
| total | | 4913£ | |
| Enfeites | | | |
| <i>Enfeites</i> | \$800 | 87£ | 77\$600 |
| <i>Emblemas e testo</i> | \$800 | 190£ | 152\$000 |
| <i>Linhas de metal</i> | \$400 | 140£ | 56\$000 |
| total | | 417£ | |
| Prelas | | | |
| <i>prelo grande com maquina de tinta</i> | 320\$000 | 1 | 320\$000 |
| <i>prelo [?]</i> | 250\$000 | 1 | 250\$000 |
| <i>prelo com machina de dar tinta</i> | 200\$000 | 1 | 200\$000 |
| <i>prelo com machina</i> | 200\$000 | 2 | 400\$000 |
| <i>prelo [?] sem machina</i> | 60\$000 | 1 | 60\$000 |
| <i>prelo muito pequeno</i> | 60\$000 | 1 | 60\$000 |
| total | | 7 | |
| Outros | | | |
| <i>Caxotins em bom estado</i> | 1\$600 | 24 | 38\$400 |
| <i>cabalinhos* para dous pares de Caxotins</i> | 3\$000 | 10 | 30\$000 |
| <i>Cabalinhos para hum par de caxotim cada um</i> | 1\$600 | 3 | 4\$500 |
| <i>Bancos para composição</i> | 1\$000 | 10 | 10\$000 |
| <i>Componidores</i> | 1\$000 | 9 | 9\$000 |
| <i>Galeão</i> | 1\$000 | 10 | 10\$000 |
| <i>Galés compridas</i> | \$200 | 50 | 10\$000 |
| <i>Galés [grandes] quadrados</i> | \$300 | 110 | 33\$000 |
| <i>Divisorio [devorinias]</i> | \$200 | 5 | 1\$000 |
| <i>dez bancos para assento</i> | \$500 | 10 | 5\$000 |
| <i>duas mesas para os prelos</i> | 4\$000 | 2 | 8\$000 |
| <i>armações de rolo</i> | 4\$000 | 3 | 12\$000 |

Fonte: Inventário Honório José dos Santos

Em relação aos tipos de papel utilizados encontramos nos registros menções a comprar papel em resma, em “cuadernos”, “almasso” e “brouxuras”, e ainda “papel imperial pintado”, “papel de pezo”, “papel de linho”, “papel pautado”, “papel para lançamento”. Toda compra de papel é realizada junto à empresa Santos e Irmãos.

Tentando compreender a qualidade de papéis com que trabalhava a tipografia, identificamos algumas definições no *Dicionário de Artes Gráficas* de Frederico Porta. Papel de linho “é um papel de melhor qualidade, feito inteiramente de trapos”. Papel pautado é o papel comum, com linhas para escrever, que era encadernado e amplamente utilizado no comércio e na administração pública. Por sua vez, o papel de peso seria um papel muito fino, segundo Porta (1958, p. 307). Quanto ao papel imperial pintado, trata-se papel velino, de formato grande e qualidade superfina, no qual se usa escrever decretos e cartas de lei, bem como requerimentos e petições que se dirigem a corporações ou personagens de elevada categoria, muito utilizado à época. Também é denominado imperial o papel no formato 559x762 mm.

Os trabalhos descritos no inventário de Honório dão pistas do espectro de atuação de uma tipografia comercial, que imprime não apenas jornais e expedientes de governo, como atende, também, a uma diversificada demanda de repartições, bancos e comércio. São Impressos folhinhas eclesiásticas, mapas (tabelas) das notas do banco, impressão do Arsenal, circulares, cartas, boletins, “fallas”, compromissos, “rezistos” (registros?), listas, programas, coleção das leis, talões, leis, certificados, decretos e expedientes.

Quando inicia a *Folha Commercial do Pará*, certamente fortalecido pelo contrato para a publicação do expediente do governo, Honório toma a importante decisão de torná-la um órgão informativo e noticioso. Tal tomada de posição garantiu a Honório a consolidação de sua tipografia como a primeira empresa de prática comercial na província, continuando em operação, mesmo após seu falecimento. A presença da família José dos Santos no cenário da imprensa ultrapassa o século XIX. Se o *Jornal do Pará* cessa sua publicação em 1878, em 1896 Cipriano José dos Santos Filho, seu neto, dá início à publicação da *Folha do Norte*, que se tornaria um jornal de grande importância sendo publicado até 1974.

A presença marcante da tipografia da família Santos justifica a representação da segunda fase da indústria gráfica na Província do Pará. Apesar de ter tomado parte das agitações políticas da Independência, Honório deixa de discuti-la para se voltar à prática comercial e informativa. Beneficiando-se do contexto econômico favorável com o fim dos conflitos e com o início da abertura dos portos, a empresa foi sendo equipada de novas máquinas, equipamentos e tipos de metal. Desta forma, determina novos paradigmas para seus futuros concorrentes. As tipografias que seguiram esse modelo permaneceriam em funcionamento por períodos mais longos; e as tipografias folhetinescas que não compreenderam o funcionamento empresarial, não resistiram e acabaram fechando.

5 Considerações finais

Para além da bibliografia e documentos impressos depositados em arquivos, a busca de novos instrumentos para pesquisa deve ser uma tarefa constante do pesquisador. A descoberta do inventário de Honório José dos Santos nos permitiu obter um instantâneo da operação de uma oficina tipográfica em meados do século XIX. Revela, informações em geral difíceis de se obter, como a quantidade de equipamentos de gráficas do período, a divisão do trabalho, o conjunto de tipos de impressão, tipos de trabalhos executados. A partir do inventário, e com a colaboração do depoimento de J.C. Frias do Maranhão, foi possível traçar um retrato da forma que estas oficinas funcionavam, colaborando para um melhor entendimento sobre o tema e, ainda, das oficinas tipográficas que operaram na metade do século dezenove no Brasil.

Referências

- Baena, Antônio Ladislau Monteiro. *Compendio das Eras da Província do Pará*. Belém: Typographia Santos & Santos Menor, 1938.
- Barata, Manoel. *Annaes da Imprensa Periodica para o Centenário da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1908.
- Bates, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazons*. Londres: Dent e Nova Iorque: Dutton, 1910.
- Frias, J.M.C. de. *Memória sobre a tipografia maranhense*. São Paulo: Editora Siciliano, [1866] 2001.
- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo consagrado à Exposição Commemorativa do Primeiro Centenario da Imprensa Periodica no Brazil, promovida pelo mesmo Instituto. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.
- Martins, Fernanda de Oliveira. *Impresso no Pará: 1820-1910 A memória gráfica como composição do espírito de época*. 2017. 757 f. Tese (Doutorado em Design) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/9055>
- Oliveira, Adélia Ingrácia de. Ocupação Humana. In: Eneas Salati et al. *Amazônia, desenvolvimento, integração e ecologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Porta, Frederico. *Dicionário de Artes Gráficas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1958
- Rayol, Domingos Antonio. *Motins Políticos, ou historia dos principaes acontecimentos políticos da história da Província do Pará; desde o anno de 1821 até 1835*. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1865.

Sobre as autoras

Fernanda de Oliveira Martins, Dra, IED, Brasil <fernandaforminform@gmail.com>
Edna Cunha Lima, Dra, UFPE, Brasil <ednacunhalima@gmail.com>